

MALA KACENBERG

# A MENINA E A GATA

Tradução de  
RUTE MOTA



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2022

## 1. O RIO CORRE CALMAMENTE

Nasci numa família judaica praticante em Tarnogród, uma pequena cidade no centro da Polónia, nas proximidades de Lublin. Os meus pais tiveram nove filhos, dos quais três morreram ainda pequenos, de disenteria e gripe, doenças para as quais naquele tempo não havia cura. Em retrospectiva, posso ver que esses foram os que tiveram sorte, pois foram poupados às agonias e ao sofrimento que estavam reservados para o resto da família.

No início dos anos 30, o meu pai, Yitzchak Szorer, partiu para o Uruguai em negócios. Eram tempos difíceis na Polónia e ele era o único a sustentar a família. Os seus irmãos Jacob e Meilich já lá estavam, e estabeleceram-se no Uruguai definitivamente. Escaparam deste modo aos acontecimentos que iriam provocar a aniquilação de toda a minha família e de seis milhões do nosso povo.

Cerca de dois anos após a sua partida para a América do Sul, o meu pai regressou a Tarnogród, para a minha mãe e para nós, seus filhos, de quem não suportava mais estar afastado. Pensara que se podia estabelecer no Uruguai, mas depressa percebeu que seria muito difícil aí educar crianças segundo os princípios religiosos, pois, nessa altura, o Uruguai não tinha escolas judaicas nem mesmo uma comunidade judaica estabelecida.

Para sustentar a nossa grande família, o meu pai envolveu-se em vários pequenos negócios, mas acabou por desistir deles e tornou-se distribuidor de fruta. Começou por arrendar alguns pomares nas imediações da nossa cidade. Mais tarde, arrendou-os a agricultores de cidades adjacentes como Łukowa e Chmielek e outros locais cujos nomes já não

recordo. Arrendava os pomares quando as árvores ainda estavam em flor, de modo a poder calcular a quantidade de fruta que produziriam. Apesar de nunca termos sido ricos, conseguíamos subsistir dos proventos dessa fruta e tínhamos também fruta bastante para nós, o que nos mantinha a todos saudáveis.

«Graças a Deus, não fiquei no Uruguai», costumava dizer o meu pai, «pois em Tarnogród pudemos aprender e também observar todos os preceitos da nossa religião».

Enquanto estivera no Uruguai, o meu pai fora muito bem-sucedido nos seus negócios e conseguira poupar dinheiro suficiente para construir uma nova casa para nós, juntando a do meu avô materno Reb Yaakov, ou Yanchi, como era afetuosamente conhecido pelas pessoas da cidade.

Apesar de idoso, o meu avô era ainda bastante forte e ativo. Ele e o seu irmão Issar eram tão robustos que foram apelidados de forma brincalhona de «cossacos». Os habitantes da cidade gracejavam que os dois poderiam carregar uma casa aos ombros. O meu avô era *melamed* na *cheder* local e eu aprendi muito apenas por ouvir as suas histórias. Era viúvo e, com exceção das refeições que a minha mãe lhe preparava, cuidava de si e da sua casa perfeitamente bem. Parecia sempre muito limpo e arranjado. Ainda me lembro das tábuas de madeira que ele dispôs a toda a volta das nossas casas, de modo que o pudéssemos visitar sem ficarmos com lama nos sapatos, em especial no inverno; pois naquele tempo o cimento ainda não estava disponível.

Apesar de não termos muitas regalias, considerávamo-nos mais afortunados do que alguns dos nossos vizinhos, uma vez que possuíamos dois luxos em particular que faziam de nós a inveja dos nossos conhecidos — uma casa de banho no exterior e um pequeno poço. Deixávamos que os nossos vizinhos usassem a nossa água, que utilizávamos apenas para limpezas e para lavar a roupa branca. Tínhamos de caminhar um pouco para obtermos água potável, mas, por vezes, podíamos pagar para que a entregassem na nossa casa e isso tornava-nos a vida ligeiramente mais fácil.

A nossa casa era simples, como eram a maioria delas na nossa cidade, onde muitos residentes eram tão pobres como nós. Um grande fogão no centro de uma grande sala separava o quarto dos meus pais

da sala de jantar. Esse fogão era usado para pães e bolos e para nos manter quentes durante os invernos frios. Tínhamos também um outro forno para cozinhar refeições. Como não havia gás nem eletricidade na nossa casa, a madeira proporcionava a única fonte de combustível. Abastecíamos-nos de madeira todas as terças-feiras, dia de mercado na cidade. O meu pai tinha um acordo de longa duração com um camponês que, por uma taxa, entregava na nossa casa, com uma carroça, troncos de árvores.

O rio Nitka («Fio») corria perto da nossa casa e costumávamos lavar nele todas as nossas roupas, dado que a água do nosso poço não chegava para todas as nossas necessidades. Por milagre, a roupa ficava sempre a luzir de limpa. No verão, costumávamos lavar também a louça e os utensílios de cozinha e talheres no pequeno rio, deixando-os a secar ao sol em caixas de madeira. Por nunca termos conhecido quaisquer luxos, habituámo-nos a estas condições, pois sabíamos que os nossos pais trabalhavam arduamente para nos alimentar e nos vestir. Tentavam assegurar que nos mantínhamos felizes. Na nossa casa, era habitual dizermos as nossas orações da manhã antes de tomarmos o pequeno-almoço. Também rezávamos antes de irmos para a cama à noite e dávamos graças depois de comermos. Eu gozava a vida ao máximo, sem esperar mais dela do que aquilo que os meus queridos pais podiam oferecer, sem nunca me esquecer de agradecer ao Todo-Poderoso por tudo o que possuíamos.

O meu passatempo preferido era brincar com os seixos que cobriam o leito do rio Nitka e tornei-me especialista nisso, atirando quatro ou cinco de cada vez e apanhando-os a todos. Além do rio, havia campos de milho e pomares. Eu adorava andar pelos estreitos caminhos de ervas que rodeavam esses campos. Gostava sobretudo de me deitar por baixo das árvores e olhar para o belo céu azul. As árvores foram sempre as minhas melhores amigas. Fazia os meus trabalhos de casa debaixo delas e elas incutiam-me a inspiração criativa de que eu precisava para escrever poemas em polaco ou em iídiche.

Todos os verões deixávamos o calor insuportável para passar tempo nos pomares que arrendávamos. Todos os pomares tinham no meio uma pequena cabana, e levávamos connosco os nossos utensílios de cozinha, comida, cobertores e outros objetos essenciais. Todos

adorávamos a comida que a mãe cozinhava num pequeno fogão no exterior da cabana. Nós, as crianças, dormíamos serenamente no vasto jardim, mas os nossos pais tinham de se manter vigilantes para garantirem que ninguém roubava a fruta madura. O ar puro dava-nos um apetite saudável, pelo que no final do verão regressávamos a casa revigorados e de bom humor.

No entanto, por mais que eu gostasse da vida ao ar livre, gostava ainda mais de voltar a casa para iniciar um novo ano escolar, ansiosa para avançar para uma nova classe e explorar novos temas. Nunca consegui compreender porque alguns dos meus amigos desejavam ficar longe da escola para sempre. Não percebiam que quando deixassem a escola já não podiam voltar a ela. Como não havia dinheiro para me enviarem para uma escola privada judaica, frequentei a escola pública. Contudo, observei todos os *mitzvos*. Até ensinei as raparigas não judaicas a dizerem uma oração às refeições.

A nossa comunidade era uma comunidade muito unida que partilhava as ocasiões alegres e também as de dor. Quando um membro da comunidade se casava, todos celebrávamos. Não nos importava o facto de usarmos sempre a mesma roupa desde que nos divertíssemos. Fazíamos todos parte de uma grande e feliz família e, juntos, celebrávamos as alegrias da vida da cidade junto com os nossos amigos. Não houve um único momento aborrecido na minha infância.

## 2. CURIOSAS LIÇÕES ESCOLARES

A nossa boa sorte não duraria para sempre. Em 1936, saraivadas fortes destruíram todas as colheitas na nossa parte do país e trouxeram um final abrupto à nossa relativa prosperidade. Vivíamos agora em condições muito difíceis e nem sempre havia dinheiro suficiente. No entanto, os nossos pais estavam sempre a animar-nos, a dizer-nos para confiarmos no Céu. Enquanto isso, tínhamos de fazer com que as nossas roupas durassem muito tempo.

Com a situação económica nacional a piorar, a crise local suscitou feias paixões antisemitas que causaram ondas de choque que varreram todas as comunidades judaicas na Polónia. Tarnogród não foi exceção. No início, contudo, quando as tempestades nos deixaram quase na miséria, isso não afetou muito as crianças. Continuávamos a viver alegremente, pois éramos ainda demasiado novas para nos preocuparmos.

Apesar de a nossa cidade ser pequena, havia nela duas escolas. A que eu frequentei chamava-se Zajacowka e era um belo edifício do outro lado de um rio, rodeado por jardins e grandes campos de jogos. De vez em quando, fazíamos saídas até aos bosques próximos de Majdan. Eu adorava esses passeios, por me tirarem da minha casa superlotada durante algumas horas para a vastidão das folhas verdes do meu amado campo.

No inverno, eu esquiava até à escola, levando comigo o meu trenó para os desportos de inverno obrigatórios. Tínhamos muito tempo para os nossos jogos, visto que a neve raramente derretia antes da primavera. Com a lua cheia no céu azul-negro e estrelado e a neve branca e

cintilante em baixo no solo gelado, subíamos a um monte diferente no final do dia e alegremente deslizávamos pela outra encosta abaixo com o ar fresco e seco da noite a assobiar aos nossos ouvidos. Revigorados, regressávamos todos a casa com as faces a luzir e um apetite saudável para as refeições quentes que as nossas mães tinham preparado para nós.

Tudo me parecia muito bonito e eu acreditava que todas as pessoas eram nossas amigas. Só mais tarde percebi o quão errada estava, quão inocente era.

Não demorou muito até que nós, estudantes judeus, começássemos a sentir-nos inseguros no caminho de e para a escola, e, muito em breve, a própria sala de aula se tornou perigosa para crianças judias.

Havia o hábito de nos levantarmos quando um professor entrava na sala de aula e nos sentarmos quando ele assim no-lo indicasse. Um dia, o professor, um homem chamado Smutek, aproximou-se de mim repentinamente e bateu-me tão ferozmente com uma régua que eu desmaiei. Quando recuperei a consciência, não me conseguia lembrar do que me acontecera. No intervalo, os meus amigos disseram-me que Smutek me batera até me deixar inconsciente por eu não ter sido suficientemente rápida a sentar-me. Mal sabia o meu professor que àquela hora eu ainda estava cansada e meio a dormir, pois partilhara a cama com uma ou duas irmãs. Mas eu tinha fome de conhecimento e tinha de acatar os insultos e as agressões físicas, por mais falta de sensibilidade que demonstrassem.

Um professor chamado *Herr Weiss*, provavelmente de etnia alemã, ameaçava-nos frequentemente com comentários como: «Esperem até os alemães chegarem.» Uma vez que não compreendíamos o que ele queria dizer, não contámos aos nossos pais.

Por mais que gostasse de aprender, comecei a sentir-me apreensiva em relação a ir à escola. Mas eu era sempre quem mostrava mais valentia, e os meus pais costumavam dizer que eu devia ter nascido rapaz, uma vez que isso lhes teria sido muito conveniente, pois tinham apenas um filho, o meu irmão dois anos mais velho, Yechiel Gershon.

Um dia, *Herr Weiss* fez todos os rapazes judeus ficarem depois da aula, entre eles o meu irmão Yechiel, e vergastou-os a todos, embora não tivessem feito nada de errado. Quando uma delegação de mães furiosas foi a casa dele para se queixar, ele afastou-as com comentários

depreciativos. Dado que a escola era obrigatória, os rapazes não tinham outra opção que não continuarem a frequentar as aulas.

Ainda consigo ver o olhar triste no rosto da minha mãe quando se despedia do seu filho todas as manhãs. Não nos podíamos queixar à polícia, visto que também a temíamos. Até hoje, sorrio educadamente a todos os agentes da polícia que encontro. Eles devem admirar-se com a minha «amabilidade», pois não afastei a convicção de que, se nos «comportarmos» e se formos «agradecidos», a polícia será nossa amiga. Ou, pelo menos, deixar-nos-á em paz.

### 3. UMA EDUCAÇÃO VARIADA

A polícia não nos deixou em paz. A cada dia que passava, a vida tornava-se cada vez mais difícil para a comunidade judaica e os atos antissemitas eram cada vez mais comuns.

Todas as manhãs, um idoso vendedor de *bagels* judeu dispunha habilmente os seus artigos em guardanapos de papel brancos num grande cesto de vime. Levava-os então até à praça da cidade e vendia-os de porta em porta. Fiquei petrificada quando vi um corpulento agente da polícia pisar o cesto e calcar os *bagels* com as suas botas sujas. Afastou-se sem qualquer sinal de arrependimento; pude ver-lhe mesmo um sorriso na face. Em breve, eu testemunharia muitos incidentes traumáticos destes, enquanto a grande tragédia se desenrolava. Depressa se tornou notório para mim que, no mundo, havia mais pessoas más do que boas, e de uma criança despreocupada e feliz converti-me numa séria quando comecei a ser confrontada com situações que nunca imaginei que pudessem ocorrer. Nesse ano, quando comecei a compreender o quão difícil se tornara a nossa situação, devo ter amadurecido o equivalente a vários anos, mas continuei como de costume, pois a nossa casa era uma casa feliz onde as instruções dos nossos pais eram em geral cumpridas na íntegra. Quando nos diziam que não nos preocupássemos, fingíamos não nos preocupar.

Não demorou muito até sermos reduzidos à pobreza extrema e não podíamos sequer comprar os edredões de que muito precisávamos. Na Polónia, os invernos eram muito duros e a nossa casa não dispunha de aquecimento, exceto quando a minha mãe cozinhava e o ar não ficava tão gélido. Os meus pais, tão engenhosos como sempre, decidiram que

faríamos os nossos próprios edredões. Sentámo-nos todos em volta de uma grande mesa e removemos as barbas dos cálamos duros de penas de pato e de ganso. Ao fim de várias sessões destas, que todos apreciávamos, tínhamos arrancado plumagem bastante para um edredão. Apesar de não ser costureira profissional, a minha mãe conseguiu fazer capas que todos ajudámos a encher com as penas. Depois de cheias, a minha mãe coseu a abertura pela qual tínhamos inserido o enchimento. Esta atividade repetia-se sempre que precisávamos de um novo edredão. Os nossos vizinhos faziam o mesmo nas casas deles, pois havia muito poucas pessoas ricas em toda a nossa cidade.

Os meus pais eram muito musicais e era frequente juntarem-se a nós a cantar nestas sessões. Por vezes, diziam-nos para recitarmos os poemas que sabíamos de cor; sabíamos tantos que nunca nos sentíamos sós ou aborrecidos. Agora, os nossos novos edredões adicionavam calor físico e conforto ao longo e gélido inverno polaco. Sabermos que os tínhamos feito sozinhos dava-nos grande satisfação e ainda nos fazia gostar mais de dormirmos sob eles. A par da comida, eram os artigos mais essenciais na nossa casa.

Por vezes, ouvia os meus pais e os amigos deles a discutirem as questões do mundo com preocupação, mas era demasiado nova para compreender ou me preocupar verdadeiramente com estas coisas de adultos. Acreditava então que não me diziam realmente respeito. Na minha cabeça, a única preocupação dos meus pais era como vestir e alimentar a nossa grande família.

A mãe do meu pai, Rivka, era uma viúva que se tinha voltado a casar com Moshe Brand, um amável cavalheiro. Viviam numa vila distante chamada Pysznica, perto de Nisko. Pareciam abastados, pois, sempre que o meu pai os visitava, trazia para casa muita comida cozinhada e carne enlatada. Enquanto viúva, a minha avó fora cozinheira num restaurante de Varsóvia. Parou de trabalhar quando se voltou a casar, mas preparava ótimos pratos e belos bolos e fazia que os seus amigos no-los entregassem. Nós passávamos muita fome nessa altura, apesar de a guerra ainda não ter começado.

Como trabalhava muito, mesmo enquanto criança, eu tinha sempre fome. Lembro-me até hoje de, na escola, ter precisado de escrever

uma composição sobre o meu assunto preferido. Escrevi sobre comida, o que fez toda a gente rir.

Quando Balla, a minha irmã mais velha, saiu da escola aos 14 anos, como era então habitual na Polónia, a minha avó convidou-a para Pysznica e pagou-lhe aulas de costura de alta qualidade. Aos 18 anos, concluída a sua formação, Balla começou o seu pequeno, mas bem-sucedido, negócio de costura em Varsóvia.

Os meus pais costumavam dizer-me que, quando terminasse a escola e a minha aprendizagem, iria para Varsóvia para me juntar à minha irmã mais velha. Sentia-me curiosa por ver a grande cidade, e tinha muito afeto e admiração por Balla, mas tinha planos diferentes. Pensava que era capaz de mais do que costura — desde que tivesse a oportunidade de estudar. A escola era a coisa de que eu mais gostava; cada tema novo me fascinava e queria ser sempre das melhores alunas da classe. Os meus pais estavam muito satisfeitos comigo e eu costumava receber prendas especiais como uma grande maçã vermelha, de que gostava muito. Eles não tinham posses para prendas mais caras.

Sempre que um inspetor do governo era aguardado na escola, era-me dito para me sentar perto do diretor, Kierownik. Antes de o inspetor chegar, era-me dado um uniforme novo para o dia. Apesar de muito limpo, o meu uniforme tinha remendos e estava um pouco gasto das numerosas lavagens por que passara. Foi o último uniforme que usei e era cinzento com debrum branco nos bolsos. A gola era branca e tinha pequenas flores bordadas em cada ponta.

Quando chegava, o inspetor testava-nos em todas as disciplinas, fazendo uma variedade de perguntas. Eu respondia sempre corretamente, para grande deleite do nosso diretor. Noutras ocasiões, o diretor mal reparava em mim e inclusive nem sempre respondia à minha saudação. Era provável que o meu uniforme gasto não lhe fosse agradável à vista.

Fora da sala de aula, os professores ensinavam-nos a ser engenhosos; a nossa escola não precisava de contínuo, uma vez que todos os alunos, rapazes ou raparigas, tinham o dever de, à vez, varrer o chão e cuidar do asseio geral do edifício. Daqui resultava que todos fôssemos muito orgulhosos do local e gostássemos da escola como da nossa própria casa.

Havia outras lições sobre a virtude da prudência. Um grande aviso na parede por cima da papelaria da escola afirmava: *SPÓŁDZIELNIA KREDYTU NIE UDZIELA!* Aqui não se vende a crédito! Mesmo numa idade tão pequena, aprendemos o valor do dinheiro e a adquirir o auto-controlo para não gastar o que não tínhamos — uma lição que me ajudou muito durante a minha vida, especialmente durante a minha infância.

Havia muitas árvores no nosso bairro e perto da nossa casa crescia uma espécie chamada *laska*<sup>1</sup>. A casca da árvore soltava-se facilmente, e era a partir dos seus ramos que fazíamos os pauzinhos que nos ajudavam nas operações aritméticas e que construíamos os nossos assobios. Naqueles tempos, não havia dinheiro para brinquedos novos.

Nas férias escolares, era frequente eu caminhar duas horas até uma vila chamada Luchów Dolny para visitar o meu tio Abram, irmão da minha mãe. Ele e a sua família partilhavam uma grande casa com o cunhado e a família deste. Eram pequenos agricultores e possuíam também uma pequena mercearia. Apesar de viverem juntos há muitos anos e de partilharem a sala de jantar, nunca discutiam e viviam em harmonia com os pais idosos da minha tia.

Embora fosse muito nova, eu admirava o estilo de vida deles. Gostava do trabalho de agricultura, em especial de ceifar o milho com uma foice, como ainda se fazia na época, ou de cavar batatas, algo em que me tornei especialista.

O meu passatempo agrícola preferido era tratar das vacas, porque nessa altura ficava sozinha e podia cantar todas as canções aprendidas na escola. Não era algo que pudesse fazer muitas vezes à frente de outras pessoas. Eu gostava muito de cantar, mas os outros não apreciavam particularmente os meus talentos musicais. Apenas em ocasiões destas, quando estava completamente sozinha, é que me podia dar a esse luxo. Usava também estas sessões de canto para melhorar a minha pronúncia polaca. A Polónia só voltara a ser unida em 1918, e, por terem vivido sob domínio russo e austro-húngaro até terem pouco mais de 20 anos, o polaco dos meus pais não era fluente. Naquela altura, eu não imaginava como um dia a língua se tornaria essencial para salvar a minha vida.

---

<sup>1</sup> «Bengala» em polaco. [N. da T.]

#### 4. O VERÃO TRANSFORMA-SE EM GUERRA

Uma noite do final de agosto de 1939, quando se aproximava o final das minhas férias na quinta do meu tio, deitei-me cedo. Ao ouvir vozes no exterior, despertei e fui dar uma caminhada pela quinta. Ao olhar para o céu escuro, vi soldados a caírem do céu com grandes espingardas nas mãos.

No dia seguinte, soubemos que a invasão alemã da Polónia já se iniciara e decidi regressar a casa para estar com a minha família. Não compreendia completamente o que a guerra significava. Graças às minhas lições de história, sabia apenas que muitos soldados morrem nas guerras. Nunca imaginei que tantos milhões de pessoas inocentes e os seus filhos seriam massacrados apenas por terem uma religião ou uma cultura diferentes.

As férias de verão tinham finalmente terminado e, apesar dos desenvolvimentos recentes, eu aguardava ansiosamente o início do novo ano escolar e a minha passagem para a nova classe. Ansiava também por chegar rapidamente a casa e contar aos meus pais que herdara os manuais escolares de Eli, o meu primo mais velho. Isso significava que os meus pais não precisavam de gastar dinheiro em novos manuais. Até então, eu tinha de os pedir emprestados a amigos para poder fazer os meus trabalhos de casa. Estimava muito aqueles preciosos livros recentemente adquiridos. Forrei-os com um papel com um padrão e escrevi orgulhosamente o meu nome e «6.º Ano» em todos eles.

Na primeira noite de sexta-feira depois das férias, o meu pai regressou a casa da *shul* com a notícia de que os alemães já tinham ocupado

Łańcut, uma cidade a cerca de 96 quilómetros de Tarnogród, no dia anterior.

Ao ver como nos mostrámos alarmados, apressou-se a acalmar-nos, dizendo-nos: «É difícil as coisas ficarem piores do que já estão.» Disse-nos para não nos preocuparmos e continuarmos como de costume.

«Quem sabe? Talvez a nossa sorte melhore», observou a minha mãe.

Sem rádio ou jornal, os meus pais eram bastante ignorantes do que verdadeiramente se passava no mundo. Na nossa cidade, só os ricos conseguiam pagar um rádio ou comprar o jornal e eram muito poucos os adultos fluentes na língua polaca. A minha mãe ainda escrevia em alemão ao seu irmão na Palestina.

No dia seguinte, ouvimos muitos disparos enquanto os soldados polacos, corajosamente mas em vão, tentavam defender a nossa cidade contra o poderoso exército alemão. Desprevenidos e apanhados de surpresa, muitos caíram em batalha. Todos nos deitávamos no chão sempre que havia uma grande detonação dos grandes canhões alemães. Pouco depois, soubemos que o poderoso exército alemão estava prestes a marchar sobre Tarnogród.

Todos nós, em especial as crianças, nos alinhámos e observámos com admiração as botas brilhantes e os uniformes engomados dos soldados nazis. Podíamos ver que não tinham deparado com muita oposição, pois todos pareciam descansados e com um orgulho arrogante nos rostos. Primeiro, vinham os tanques, depois a cavalaria e, por fim, a infantaria.

«São soldados a sério», disse um dos meus amigos. «Não de um livro de gravuras.»

A euforia depressa teve o seu termo quando vimos um pequeno rapaz judeu ser morto com um tiro a sangue-frio. Estava a correr para casa para contar aos pais o que vira. Tínhamos agora medo de correr e partimos lentamente e com desalento. Em casa, disseram-nos a todos para recitarmos o *Tehillim* e todos nos apercebemos de que, afinal de contas, este era um exército cruel.

Comecei a interrogar-me sobre qual seria o objetivo dos soldados, não sendo ainda capaz de perceber a seriedade da nossa situação ou de fazer quaisquer juízos sobre as opiniões dos outros. Tentei

parar de ser filosófica e continuar com os meus deveres, como ajudar a minha mãe com as crianças mais novas.

Depressa os acontecimentos descarrilaram e infundiram grande temor nos nossos corações.